

EDITORIAL

Atravessamos uma quadra temporal complexa, que sofre com os avanços de posições antidemocráticas, controle dos meios de comunicação, estratégias de censura e criação de inimigos imaginários para justificar procedimentos repressivos, como na atual temporada de caça aos professores, acusados de doutrinarem os seus alunos.

Esse movimento, consideradas as particularidades nacionais e embates ideológicos próprios, tem ecoado pelo mundo, expressando, em maior ou menor grau e cruzamentos, uma mistura de primitivismo religioso, anti-intelectualismo, falseamento factual, chauvinismo e vocação autoritária e populista.

Duas organizações que medem o estado da democracia e das liberdades ao redor do mundo, a revista inglesa The Economist (por meio de sua Intelligence Unit) e a ONG americana Freedom House, indicaram em seus últimos relatórios um declínio global nas percepções e nas práticas dos valores democráticos. Numa escala de 1 a 10, a The Economist aponta para a democracia uma queda da média de 5,52, em 2016, para 5,48, em 2017, tendo em vista os 165 países e dois territórios pesquisados. Um total de 89 países retrocedeu, 51 permaneceram estagnados e apenas 27 registraram avanços no período.

Em cenário tão preocupante é sempre útil retomar a assertiva de Antonio Gramsci: “A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece”.

Nossa revista, ao longo dos seus 25 anos, tem mantido o permanente compromisso de estar ao lado de uma comunicação voltada aos efetivos interesses da sociedade, atendendo aos princípios do pluralismo e do acesso à informação qualificada, assim como de uma educação pública, gratuita e dirigida à formação plena de cidadãos – motivo pelo qual vem se empenhando em combater o preconceito, a intolerância e a atual onda de ataques aos docentes e às escolas.

O conjunto de artigos postos à disposição dos leitores neste número da C&E busca subsidiar o sistema educativo e ampliar o debate acerca do papel da comunicação no tempo presente. Neste interregno da crise, como lembrou Gramsci, temos o compromisso de continuar empenhados no sentido de lançar luzes sobre os “sintomas mórbidos”, tentando contribuir para que os valores democráticos não se percam nos desvãos da história.

Os editores.

